

Experiências do Programa Residência Pedagógica Pedagogia: Ensino de História

Karoline Cipriano dos Santos¹
karolcipriano.crici@gmail.com

RESUMO

Residência Pedagógica é um programa que visa a formação de professores pela tríade professor da educação básica – professor universitário e acadêmico, com o objetivo de aproximar a academia, ou o aluno academicizado, das práticas escolares por meio do trabalho em equipe. Este se encontra no seu primeiro ano de aplicação. Nesse período foi possível perceber e experimentar sentimentos, desafios, dilemas e surpresas inerentes à prática docente. Neste trabalho irei abordar esses temas por meio do relato de experiência da atividade da árvore genealógica e seus desdobramentos, fazendo relação com o ensino de História para os anos iniciais, baseado em fontes históricas e relacionado com a história de vida de cada aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial de professores; Residência Pedagógica, Ensino de História.

Introdução

Este trabalho é parte dos resultados obtidos com o programa Residência Pedagógica, subprojeto do curso de Pedagogia, da instituição de ensino Unesc, que visa a formação de professores pela tríade professor da educação básica – professor universitário e acadêmico, além de buscar uma aproximação da academia, ou o aluno academicizado, das práticas escolares por meio do trabalho em equipe

O programa tem vigência de 2018/2 a 2019/2, tem como coordenadoras as professoras universitárias Gislene Camargo e Graziela Fátima Giacomazzo, e professora preceptora na escola Rosana Silva. Este texto tem como objetivo refletir sobre essa proposta de formação de professores atrelada ao ensino de história e apresentar considerações sobre as experiências iniciais da residente.

Residência pedagógica

O texto “Residência Educacional” (GOMES, 2015) reflete sobre alguns aspectos da profissão docente, entre formação e trajetória. Logo de início já é destacado a importância do professor no contexto social, capaz de impulsionar transformações. Nesse sentido tanto a formação pessoal quanto profissional do docente se reflete em sua trajetória, além das

¹ Residente do programa Residência Pedagógica, subprojeto Pedagogia, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. E-mail: karolcipriano.crici@gmail.com.

experiências da trajetória que proporcionam experiências de aprendizado, ocasionando mudanças nas suas ações.

Segundo Gomes (2015), apesar de ser uma profissão de tamanha responsabilidade, existe a desvalorização do magistério. Essa desvalorização é percebida em dois momentos principais: a profissão não tem sido atrativa para os egressos do ensino médio, além da grande maioria dos que optam pela profissão, terem a docência como segunda ou terceira opção. Além disso, a evasão nos primeiros anos de atuação é grande.

Sacristan (1995, apud GOMES, 2015, p.206) comenta sobre a profissão docente, considerando-a uma “semi-profissão, na medida que depende, de um lado, das orientações político-administrativas e de outro as reais condições de trabalho”.

Existem alguns dilemas na profissão docente com os quais a formação inicial deve se preocupar. Nóvoa (1999, apud GOMES, 2015, p.2016) assinala três aspectos que considera importante: passar a formação com professores – residência pedagógica, assim como a residência médica, os próprios professores terem papel importante na formação dos seus colegas. Além disso, o trabalho coletivo, no sentido de compartilhamento de práticas pedagógicas. Por fim, a visibilidade da função social da escola, assim como o reforço da pessoalidade dentro da profissionalidade.

Quando a autora Gomes (2015) disserta sobre o dilema “Quando a teoria, na prática, é outra...” ela afirma que a academização afasta da prática pedagógica e que o estágio e a residência pedagógica aproximam por meio do trabalho em equipe. Nesse sentido, a formação pela residência pedagógica implicaria numa tríade: professor da educação Básica – professor universitário e estagiário, os três ativos no processo de formação docente.

Nesse sentido, o programa residência Pedagógica se apresenta como uma alternativa de formação de professores, tentando abarcar aspectos considerados importantes por diversos autores. É um programa que se encontra em seu primeiro ano de atuação, portanto muitas dessas questões estão sendo testadas pelas alunas, preceptoras e professoras. O trabalho em questão foi feito na Escola Jarbas Passarinho, no quarto ano vespertino, com a professora preceptora Rosana Silva e acadêmica residente Karoline Cipriano dos Santos.

Ensino de História

História é o estudo de interpretações do passado, as continuidades e rupturas que acontecem ao longo do tempo em que o humano vive.

A história já não é mais o passado, mas umas das possíveis interpretações feitas pelo historiador, É, então, uma representação das ações humanas no tempo, uma forma de compreender o passado tentando chegar às formas discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo (CHARTIER, 2009, apud Almeida, p.21)

Assim como o mundo e o humano muda, e é esse o foco da área, o conceito também muda. Temos hoje três concepções: tradicional, preocupada com o método e comprovação, parte de acontecimentos oficiais, da elite e acaba sendo dominadora; marxista, preocupada com a luta de classes, parte da história dessa luta e seus protagonistas (classe proletariada); Nova História, preocupada com a cultura e a diversidade de sujeitos, parte do cotidiano, cultura, etc. Não considera a história uma verdade absoluta, como a primeira concepção faz, mas sim como interpretações. Sobre os conceitos de histórias, Almeida (2012) comenta que “[s]ão ideias sobre teoria da História que tem impacto na sala de aula, pois é desafio hoje ensinar História a partir de diferentes pontos de vistas, sem a pretensa verdade ou versão única dos fatos, seja do livro didático ou da explicação da professora.” (p.22)

Nesse sentido, deve ser levado em conta a reflexão, a análise e a construção de um olhar histórico nos alunos. Isso se dará, num primeiro momento, com o conhecimento de suas próprias histórias, em que buscarão fontes para a construção e socialização dessas. Com isso a criança já começará a assimilar que é um sujeito da história, ou seja, faz história. Deverá ser feito a ligação entre a história ou a identidade individual com a história geral, contemplando assim um dos ‘requisitos’ do PCNH: identidades individuais, sociais e coletivas. Além disso, o exercício contribui para a assimilação da ideia de que não só faz história, mas também é feito por ela.

Outro eixo central no ensino de história é o conhecimento de mudanças e permanências históricas. Nesse sentido, os alunos precisam aprender, com um olhar histórico, a analisar os fatos, tradições, culturas, vivências do passado e do presente e identificar que algumas coisas mudam, enquanto outras permanecem. Essa visão é formada por meio de reflexões e análises.

É importante também o trabalho com diferentes histórias em tempos diferentes e comuns. Aqui me refiro aos ciclos do PCNsH: 1º ciclo “a leitura de tempos diferentes no tempo presente, em um determinado espaço, e a leitura desse mesmo espaço em tempos passados”. O requisito diz respeito ao conhecimento de diversos modos de vida em tempos diferentes, por um mesmo povo, por exemplo, e também a diferença de vidas no mesmo tempo entre povos diferentes. Fazendo assim, o link entre o particular e o geral, além da diversidade.

Sobre a diversidade temos a Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08 que incluem o estudo da História e Cultura afro-brasileira e indígena. Sabemos que o ensino de diferentes histórias não se refere apenas a essas culturas, mas cito-as aqui porque têm papel fundamental na construção do país. Além disso, são povos que foram excluídos e marginalizados ao longo da história brasileira. Portanto, a lei vem para garantir a visibilidade. Outro fator importante na implementação da lei foi o racismo e a discriminação que ainda sofrem. O trabalho com a temática nas séries iniciais possibilita o conhecimento dessas culturas, quem sabe pode-se contribuir para a diminuição do racismo.

Como metodologia para o ensino de tudo isso, temos o trabalho com fontes: como relatos orais, imagens, jornais, lugares de memória, filmes, documentos escritos, fotografias, objetos, danças, músicas, literatura, etc., que devem se transformar em instrumentos de construção do saber histórico escolar. Almeida fala disso:

Segundo Cooper (2004), no trabalho com fontes é possível ajudar o aluno a compreender acontecimentos do passado, convidando-o a pensar sobre: o que sabemos ao certo? O que podemos supor? O que desconhecemos? Ao buscar informações, comparar, relacionar e organizar ideias, as crianças vão percebendo que algumas explicações são mais aceitas, mais possíveis do que outras e, tal como o historiadores, constroem narrativas mais plausíveis do passado. (2012, p.27)

A relação professor-aluno não deve ser autoritária, deve haver respeito de ambas as partes. Os conhecimentos dos alunos devem ser valorizados e os novos conhecimentos devem fazer sentido para o aluno. Sobre isso, Gil e Almeida (2012) nos dizem que “O maior desafio das professoras dos anos iniciais é, então, dar sentidos efetivos e afetivos à História, e não apenas abordá-la por meio de informações desprovidas de interlocuções, que não surtem efeitos sobre o modo como se entende os problemas da sociedade atual.”

Assim como a história não é neutra, o ensino de história também não é. Portanto, é um ato político, assim como a educação formal, responsável pela formação do cidadão. Queremos cidadãos conscientes, reflexivos, críticos, que saibam de histórias e saibam analisá-las. Para isso, precisamos nos esforçar ao máximo em nossa prática.

Metodologia

A proposta de uma das aulas foi dar continuidade ao tema árvore genealógica e heranças culturais, que já havia sido iniciado com a turma por outra aluna residente. O plano de aula foi organizado da seguinte forma:

Turma: 4º ano
Conteúdo: História
Tema: Árvore genealógica e heranças culturais
Objetivo Geral: Entender como as heranças são passadas de geração em geração, fazendo link com heranças culturais do país.
Objetivos Específicos: Construir a árvore genealógica; Refletir sobre parentescos de distintos lugares]; Perceber heranças culturais dos antepassados no cotidiano.
Metodologia: Num primeiro momento, será passado as músicas ‘pomar’ e ‘eu’, da Palavra cantada. Num segundo momento será conversado com a turma sobre árvore genealógica, retomando as aulas anteriores. Após isso, a professora irá entregar um xerox com o esboço da árvore para ser preenchido com os membros, a professora irá participar da atividade também demonstrando por meio de sua história a descendência de diversas culturas. Depois da conclusão da árvore e da conversa sobre descendência, a professora irá conduzir uma conversa sobre acontecimentos históricos, relatando coisas da sua própria família e incentivando os alunos a contarem as suas próprias. Posteriormente, será solicitado uma redação sobre algum acontecimento histórico na família.

Resultados e discussão

O desenvolvimento da aula aconteceu na sequência e de acordo com o plano de aula, porém, durante a discussão inicial, surgiram questões que não eram previstas, como de onde viemos, por que os negros foram escravizados, porque acontece tanta injustiça com os negros. Essas questões enriqueceram a aula.

Foi optado por trabalhar com dois conceitos de árvore genealógica. Uma biológica, ligada a sobrenome e descendência e outra da família. Deste modo, houve bastante discussão a respeito da descendência, imigração, família biológica, deixando claro o conceito. Porém demos a opção de construírem a árvore com os parentes mais queridos, que moram com as crianças. Alguns fizeram só da mãe, outros da mãe e do padrasto, da tia e do tio, assim por diante.

Questões familiares como morte do pai, brigas em casa, relação entre irmãos, relacionamento com a mãe também surgiram. Esses momentos exigiram jogo de cintura e certa sensibilidade das mediadoras. Houve momentos que alunos estiveram prestes a chorar, que contaram fatos que não costumam contar para ninguém. A discussão familiar dos irmãos, relação com irmãos mais novos e mais velhos, foi muito rica, trazendo à tona muitas memórias e sentimentos prazerosos e também tristes, que foram compartilhados.

Quanto aos objetivos do plano, o objetivo de perceber as heranças dos antepassados no cotidiano não foi alcançado, devido à sua amplitude. Entretanto, foi atingido algo que não estava planejado, o trabalho com memória de acontecimentos históricos em menor escala, da vida cotidiana.

Considerações Finais

No decorrer do programa, tanto a aula citada quanto as outras, foi possível notar algumas questões da profissão docente. Precisamos criar o hábito de registrar, tanto por meio de fotos quanto escritos, o que acontece durante a aula. No desenvolver da aula em questão surgiram falas riquíssimas dos alunos, porém, como não foram anotadas na hora, se perderam na memória.

Uma questão do planejamento, que aprendemos na graduação, é que nem sempre sai como imaginado e nem sempre os objetivos são alcançados. Foi possível experimentar isso na prática, tanto o lado decepcionante, de objetivos não alcançados, como o lado gratificante, de noções e discussões que não haviam sido almejadas.

A pedagoga lida com diversos conteúdos, nesse âmbito foi possível perceber que temas aparentemente simples se mostram complexos no decorrer da aula, além de alguns temas serem mais fáceis de ser problematizados e de provocar questionamentos e indagações nos alunos, como este da árvore genealógica. Outros nem tanto, como alguns assuntos de matemática e português, em que o conteúdo é muito técnico.

A relação entre professora e alunos tem sido boa, com afeto entre eles e também com a professora preceptora. Além disso, nesta fase do ensino (4º ano) há o feedback dos alunos a quase todo o momento, tanto positivos quanto negativos.

Um ensinamento muito importante é que não somos perfeitas, as professoras estão sempre em construção. Neste momento, eu acadêmica, tive essas considerações, angústias e prazeres durante a aula e creio que quanto mais eu atuar mais dúvidas e mais coisas a repensar

a cada aula eu terei. Segundo Nóvoa (1992), o processo de formação docente é uma constante reconstrução.

Referências

ALMEIDA, Doris Bitencourt. A professora dos anos iniciais e a História. In: **Práticas Pedagógicas em História: espaço, Tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012. p.10-29

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. DF: MEC, 2004

BRASIL, Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v.5

GOMES, Marineide de Oliveira. Residência Educacional. In: GATTI, Bernadete Angelina (Org.). **Por uma renovação no campo da formação de professores**. São Paulo: Unesp, 2015. p. 203-217.

NÓVOA, A. (Coord.) Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.